

Orandes Carlos da Rocha Jr.

Graduado em História (Unesp) Franca/SP

Mestre em Educação Currículo (PUC/SP)

Doutor em Educação (UNIUBE)

RESUMO

O presente estudo tem por objetivo apresentar uma discussão sobre os temas: fracasso escolar, a questão sociorracial na educação e o embate concepção “bancária” de educação vs educação dialógica, constatados por nós no filme “Encontrando Forrester”. Trata-se de um artigo em que apresentamos uma interpretação subjetiva do filme, na perspectiva dos conceitos citados, utilizando para isso, nosso olhar docente sobre uma obra de ficção, que nos permitiu visualizar importantes conceitos educacionais e estabelecer um diálogo com uma literatura de referencial teórico dialético crítico.

Palavras-chave Fracasso escolar; Questão sociorracial na Educação; Educação Bancária vs. Educação Dialógica.

INTRODUÇÃO

O filme Encontrando Forrester¹ (EUA, 2000) conta a história de Jamal Wallace, um garoto negro e pobre, morador do Distrito do Bronx² em Nova Iorque e estudante de escola pública com talentos para a leitura, escrita e basquete.

Leitor onívoro e escritor talentoso, Jamal se revela um aluno melhor preparado que os demais de sua escola, a ponto de chamar a atenção de uma escola particular. Esta, impressionada com o seu desempenho em exame de larga escala e interessada em tê-lo no time de basquete da escola, oferece-lhe uma bolsa de estudos.

Paralelamente às mudanças na sua vida, transferindo-se de uma escola pública de bairro pobre para outra, particular e em bairro rico de Manhattan, Jamal encontra na figura de um recluso morador de seu bairro a orientação necessária para se tornar um escritor.

¹ Finding Forrester. Estados Unidos, 2000, 133 min. Drama. Dir. Gus Van Sant.

² A cidade de Nova York é subdividida em 5 Distritos: Bronx, Brooklyn, Manhattan, Queens e Staten Island. Manhattan é o distrito mais elitista, com bairros nobres entre os mais ricos dos EUA, enquanto o Bronx é um distrito onde reside classes mais baixas, sofrendo problemas similares às das periferias das grandes cidades do Brasil.

Nessa história, que tem como pano de fundo a relação professor/aluno, pudemos encontrar alguns conceitos importantes no estudo sobre exclusão escolar tais como: fracasso escolar, questão sociorracial na educação e o embate entre educação bancária e educação dialógica.

Assim, o presente artigo trata-se de uma interpretação subjetiva que fizemos em diálogo com a teoria do filme acima citado.

Fracasso escolar

É preciso inicialmente conceituar o “fracasso escolar”. O termo “fracasso” se encontra no dicionário Aulete Virtual com o seguinte significado:

sm.

1. Falta de êxito na profissão, no amor ou em qualquer outra dimensão da vida; MALOGRO; INSUCESSO: O concerto foi um fracasso retumbante.

2. Estrondo produzido por algo que se parte ou cai: A queda do avião provocou um grande fracasso. (CALDAS AULETE DIGITAL. Disponível em <http://www.aulete.com.br/Fracasso>. Acesso em 15/09/2017).

Considerando apenas a primeira definição, já que a segunda não nos é pertinente, percebemos com clareza o tom pejorativo que a palavra fracasso traz consigo. Vale destacar que fracasso é sinônimo de insucesso.

Em um primeiro momento, a manifestação mais visível do fracasso em educação, trata-se da conhecida e controversa reprovação escolar. Cabe ressaltar, no entanto, que em educação, o fracasso escolar não se configura apenas na cultura da reprovação (ARROYO, 1992), tão presente nas escolas, disfarçada como indicador de alto grau de exigência e qualidade.

Ainda nas palavras de Arroyo (1992):

Podemos partir da hipótese de que existe entre nós uma cultura do fracasso que se alimenta dele e o reproduz. Cultura que legitima práticas, rotula fracassados, trabalha com preconceitos de raça, gênero e classe, e que exclui porque reprovar faz parte da prática de ensinar-aprender-avaliar. (ARROYO, 1992, p. 46).

A reprovação é sem dúvida o indicador que mais chama a atenção quando se estuda o fracasso escolar, sobretudo na tradição escolar brasileira em que a aprovação/reprovação de alunos tem servido como parâmetro para aferir a qualidade do ensino.

De acordo com Madalóz et al. (2012), “o termo fracasso escolar parece resumir toda a insatisfação e insucesso decorrente de posturas docentes e discentes vivenciadas no dia a dia da sala de aula”.

O fracasso escolar é um tema relevante e polêmico que requer atenção no espaço escolar. Ele tem sido foco de constantes discussões por estar intimamente atrelado a questões como: reprovação, evasão, indisciplina, erro, fracasso e insucesso escolar. (MADALÓZ et al, 2012, p. 1).

Não apenas a reprovação, muitas vezes utilizada erroneamente como instrumento didático-pedagógico, mas também a evasão e a aprendizagem ineficaz são manifestações visíveis quando se estuda o fracasso escolar.

No filme, a figura do personagem Jamal Wallace convive com questões inerentes ao fracasso escolar. Por ser um aluno acima da média estudando em uma escola pública de um bairro pobre, o protagonista se vê obrigado a esconder seu talento para as letras, evitando a exclusão de seu grupo social formado por colegas pouco interessados nos estudos.

Em uma das cenas iniciais, a professora de literatura citando o poema “O corvo” (The raven), de Edgar Allan Poe, questiona os alunos sobre os seus conhecimentos acerca do autor e da obra. Então, a educadora recebe como resposta uma referência esportiva ao Baltimore Ravens, time de futebol americano.

A professora, aproveitando o gancho dos alunos, comenta “Baltimore Ravens: o único time com nome de um poema clássico”. E continua “Alguém já o leu?”. Após citar versos do poema como que conclamando a sala a participar da aula e não obtendo sucesso, questiona Jamal que lhe responde no lacônico diálogo “Jamal, que tal?”, e ele responde “Não, nunca li.”.

Até então, desconhecemos a habilidade de Jamal com a literatura e seu desempenho como aluno de um modo geral, o que nos será revelado mais adiante no filme e em inúmeras situações. Como ficará implícito que a necessidade de se tolher ocorre em razão de estudar em uma escola onde a maioria dos alunos de sua sala não aceitaria no grupo um aluno estudioso e que obtivesse bons resultados na escola.

É o que nos revela uma cena em que a professora de Literatura conversa com a mãe de Jamal, chamada à escola para tomar conhecimento sobre o desempenho do filho em uma avaliação externa de larga escala realizada pelo Departamento de Educação³:

- Jamal é nota C. Ou seja, só faz o necessário, nada para se destacar. O estranho, no caso dele, é a nota que ele tirou no teste.

Ao ver a nota e sem esconder a satisfação, a mãe diz:

- Meu Deus. Eu o vejo lendo o tempo todo. Livros que nunca li. Alguns nem conheço. E está sempre escrevendo desde que o pai dele foi embora. Mas é isso que eu vejo. Mas a única coisa da qual ele fala é de basquete.

³ No filme não fica especificado sobre qual avaliação se trata.

E a professora conclui:

- Com o basquete ele é aceito pelo grupo. Os garotos daqui não se interessam por nada escrito.

Um diálogo emblemático que à primeira vista pode nos revelar uma qualidade fraca na aprendizagem dos alunos. Mas ao refletir sobre a frase “não se interessam por nada escrito”, conclui-se que a preocupação dos alunos da escola esteja mais voltada para o esporte do que para o ensino de literatura, por exemplo.

Essas considerações nos leva a refletir sobre o descompasso entre a realidade do aluno e o currículo prescrito do ensino formal.

(...) o problema do fracasso escolar está no distanciamento que há entre a realidade do aluno e os conhecimentos escolares propriamente ditos, não trazendo sentido ou significado ao educando, ele não vê nenhuma perspectiva de utilizar aquele(s) conteúdo(s) em sua vida prática, o educando sente-se deslocado e ao mesmo tempo não encontra razão para se dar bem nos estudos, auxiliando assim, na produção do fracasso. (MADALÓZ et al, 2012, p. 3).

Ao lamentar que seus alunos não se interessam por nada escrito, algo totalmente justificável por se tratar de uma professora de literatura, a professora desconsidera que outros interesses, “não escritos”, como o basquete por exemplo, fazem parte do universo dos alunos de sua escola.

Evidente que a atividade esportiva não é o objetivo principal de uma escola ou do sistema educacional na qual ela está inserida, mas inegavelmente é uma atividade que perpassa a vida da maioria dos alunos. Não por outro motivo faz parte da grade curricular de todos os sistemas educacionais, os quais tenho conhecimento.

Não se trata, no entanto, de defender que o aluno deva se empenhar ou mesmo ser avaliado apenas pelas disciplinas que ele se interessa ou que obtenha bom desempenho, mas entendo ser temerário rotular os alunos que se interessam por esporte, mais que pela leitura, como fracassados.

Este seria um conceito unilateral do professor de literatura, pois do ponto de vista do professor de Educação Física, esse aluno não seria fracassado, muito pelo contrário. Outra generalização equivocada sobre o fracasso escolar se encontra na cena em que Jamal é chamado, junto com sua mãe, pela Direção da escola que lhe apresenta um representante de uma escola particular de Manhattan, e o mesmo lhe oferece uma bolsa de estudos.

A bolsa de estudos em questão fazia parte de um programa da escola que destinava bolsas aos alunos que se destacavam no exame de avaliação de larga escala.

Diante da hesitação inicial em aceitar a proposta, o Diretor conclui:

- Este não é mais o lugar certo para você.

Conhecedor das potencialidades do aluno e também da qualidade de ensino da escola que dirige, a fala do Diretor vem ao encontro da fala da professora e resume o drama de uma escola pública de bairro pobre que pouco tem a oferecer aos alunos.

A cena em questão nos leva à reflexão sobre o papel da escola. Entendo que há uma enorme dificuldade em se avaliar a qualidade de ensino entre escolas com propostas diferentes.

Tomando como exemplo as escolas brasileiras, cuja avaliação tem sido feita pelos exames de larga escala promovidos pelos Governos Federal (ENEM, SAEB) e estaduais (como o Saresp, no Estado de São Paulo), percebemos um ranqueamento das escolas baseado em indicadores pobres em detrimento de uma avaliação complexa da qualidade da educação em suas múltiplas variáveis.

Desta forma, a qualidade de ensino está vinculada ao desempenho dos alunos nos exames de avaliação em larga escala, muitas vezes responsabilizando o professor pelo insucesso.

Não me parece justo que, dentro da complexidade de determinantes que envolvem o processo ensino/aprendizagem, apenas o professor e os alunos sejam utilizados para aferir a qualidade do ensino de um estado ou país. Há que se considerar determinantes como a quantidade de alunos por sala de aula, a infraestrutura da escola, formação docente e muitos outros.

Importantes autores apontam a questão sobre outras determinantes que influenciam na aprendizagem dos alunos e, portanto, deveriam ser consideradas como critérios em avaliações de desempenho. (ROCHA JR, 2019, p. 38-39).

Afinal, o que é qualidade de ensino? Como se avalia? O que faz uma escola ser melhor que a outra? O que a escola de Manhattan teria a oferecer ao aluno que a do Bronx não teria?

Uma estrutura física melhor certamente. Menor número de alunos em sala de aula. Professores mais bem capacitados. Alunos com nível socioeconômico elevado, portanto sem preocupações como violência, desemprego, miséria, entre outras.

Enfim, inúmeras variáveis que certamente confeririam a essa escola uma melhor qualidade. Mas há que se perguntar: melhor qualidade para que

e para quem? Temos aqui uma diferença na função da escola para elite e da escola para as classes mais pobres.

Educação e questão sociorracial

Como bem define Santos (1980, p. 19) cada classe social tem a sua cultura⁴, e a escola adquire um significado diferente dentro da cultura de cada uma das classes.

(...) para os membros das classes trabalhadoras urbanas, a escola pode ser considerada como um meio de levar o aluno à capacidade de conseguir algum dinheiro e ao mesmo tempo, de oferecer a essas crianças algum prestígio social que as capacite para uma melhor situação na sociedade. (SANTOS, 1989, p. 19).

A escola tem significado diferente para ricos e para pobres. Para os primeiros, a escola significa a manutenção da hierarquia na sociedade de classes, além de significar a possibilidade de ascensão ao ensino superior nas melhores Universidades, fim primordial das escolas particulares. Enquanto para os segundos, a escola é tratada como instrumento de ascensão econômica na busca por melhor capacitação para o mercado de trabalho.

Os sistemas escolares em via de regra padronizam os seus currículos privilegiando aspectos próprios da elite da sociedade. Ensina-se os saberes, os interesses, as habilidades e as competências de uma minoria que detém o conhecimento do capital cultural e nele se vê representado.

(...) Geralmente, na sociedade de classes, os princípios que norteiam o processo de ensino são padronizados em bases ideais, uma vez que toda a sua programação tem, como ponto de referência, a classe alta. Dificilmente a educação formal encontra-se voltada para os interesses das classes populares que se constituem na maioria. (SANTOS, 1989, p. 21).

À grande maioria, as classes populares, para conseguir alcançar o padrão mínimo exigido pelo sistema escolar para progredir nos estudos, têm que ingressar em um mundo completamente diferente do seu, desconectado da sua realidade e onde seus conhecimentos prévios e sua cultura não têm relevância ou significado.

Em termos populares, tem que “correr atrás do prejuízo”, pois encontram-se em condição de inferioridade aos que são mais familiarizados com um currículo escolar elaborado de modo a melhor atendê-los.

⁴ SANTOS refere-se à cultura em seu sentido antropológico.

Outra questão a se considerar é a diferenciação social (ricos e pobres) coincidindo com a racial (brancos e negros) e que inúmeras cenas do filme trazem de maneira implícita.

Na escola do Bronx todos os alunos, bem como a única professora apresentada, são negros; enquanto na escola de Manhattan, à exceção de um aluno pardo, alunos e professores são brancos.

Destaca-se ainda que o diretor da escola do Bronx é branco, enquanto a professora é negra, revelando também a divisão racial na hierarquia das sociedades capitalistas, com os brancos, em via de regra, ocupando os cargos mais altos enquanto aos negros cabem, na maioria das vezes, empregos hierarquicamente inferiores.

Não por outra razão podemos perceber nitidamente que Jamal é o único negro no vagão do metrô que utilizava para ir à nova escola. Afinal, certamente sendo uma linha usada por pessoas que trabalham nos bairros ricos de Manhattan, era de se esperar uma maioria branca, justamente os que conseguem melhores empregos.

Depreende-se, portanto, que a maioria dos negros encontra-se em condições socioeconômicas desfavoráveis, cuja causa tem raízes históricas com um passado de escravidão e com apenas pouco mais de um século de liberdade e a possibilidade real de ascensão social.

Essa ascensão encontrou – e ainda tem encontrado - obstáculos ao longo das décadas que se seguiram à abolição da escravidão, como racismo e discriminação, elementos presentes na sociedade americana⁵, haja vista as lutas pelos direitos civis nos anos 60, ou mais recentemente com constantes conflitos ocorridos por questões raciais e que explicam a pouca mobilidade social dos afrodescendentes.

E como se comportaria em uma conceituada escola da elite, um brilhante aluno negro, egresso de uma escola pública de um distrito pobre de Nova York? Essa é a questão que o filme passa a tratar.

Educação Bancária x Educação Dialógica

Na nova escola, livre da possibilidade de exclusão que os colegas da escola do Bronx promoveriam com Jamal, caso ele se destacasse nos estudos, o jovem poderia, enfim, canalizar todo o seu potencial para obter o sucesso escolar almejado por todos os alunos. Entretanto, o desabrochar de suas potencialidades acaba ocorrendo fora dos muros da escola.

Jamal Wallace conhece, de maneira inusitada, um recluso vizinho do Bronx e com ele terá importantes lições sobre a arte da escrita. Passa a ter uma orientação educacional informal sobre a arte de escrever. E é nessa educação informal que Jamal desenvolverá seu talento como escritor, refletindo positivamente no desempenho escolar já na nova escola.

⁵ É citada a sociedade americana por se tratar do lócus do filme, mas a reflexão usada aqui se aplica em toda sociedade com histórico de uso da mão de obra escrava africana, incluindo a brasileira.

O ensino formal, que deveria ter por objetivo a orientação dos alunos e o exercício do desenvolvimento de suas potencialidades, revela-se para Jamal, no entanto, uma barreira.

Na educação informal que ele recebe, podemos perceber uma proposta dialógica de educação (FREIRE, 2014), com o educador atuando como um orientador e não como a figura tradicional do professor conteudista.

Para o educador-educando, dialógico, problematizador, o conteúdo programático da educação não é uma doação ou uma imposição – um conjunto de informes a ser depositado nos educandos, (...).

A educação autêntica, repetimos, não se faz de “A” para “B” ou de “A” sobre “B”, mas de “A” com “B”, mediatizados pelo mundo. Mundo que impressiona e desafia a uns e a outros, impregnando visões ou pontos de vista sobre ele. (FREIRE, 2014, p. 116).

Esta proposta dialógica vai contrastar com o ensino conteudista, da figura do professor como depositário do conhecimento, e do ensino como *“uma doação dos que se julgam sábios, aos que julgam nada saber”* (FREIRE, 2014, p. 81), representado no filme pelo personagem Prof Crawford, de literatura, que se apresentará com uma proposta conservadora e tradicionalista, própria do que Paulo Freire (2014) chamou de “Educação Bancária”:

Em lugar de comunicar-se, o educador faz “comunicados” e depósitos que os educandos, meras incidências, recebem pacientemente, memorizam e repetem. Eis aí a concepção “bancária” da educação, em que a única margem de ação que se oferecem aos educandos é a de receberem os depósitos, guardá-los e arquivá-los. Margem para serem colecionadores ou fichadores das coisas que arquivam. (FREIRE, 2014, p. 80 – 81).

Ficará evidente o contraste entre as duas concepções de educação recebidas pelo protagonista. Uma centrada no diálogo, com o respeito à individualidade e o saber do educando e o educador atuando como mediador; e outra centrada na figura do professor autoritário, não aberto ao diálogo e que desconsidera a individualidade de seus alunos.

No filme, o Prof Crawford é o estereótipo do professor autoritário, que valoriza a quantidade de conteúdos, a capacidade de memorização dos alunos, que desconsidera o saber do educando e o vê como mero receptáculo do conhecimento que ele, como professor, é detentor.

E por esta razão, incomodado com a evolução de Jamal em suas aulas, sem saber que o aluno tinha uma orientação informal, o professor passa a duvidar que tal evolução fosse capaz. Afinal, para ele, na concepção tradicionalista de educação, apenas a escola é capaz de dar ao aluno o conhecimento necessário. O incômodo vira perseguição, na tentativa de

desmascarar um suposto plágio que o professor acreditava ser a resposta para tamanha evolução do aluno em sua disciplina.

Fica evidenciado o aspecto bancário da educação proposta pelo referido professor em uma cena onde ocorre um embate entre ele e Jamal. O professor apresenta na aula um trecho de um poema e questiona um aluno da sala sobre a autoria do mesmo. Ao não obter resposta, o professor continua a exercer sua autoridade sobre esse aluno com uma desnecessária demonstração de superioridade.

No ápice da intimidação, Jamal intervém respondendo corretamente no lugar do colega e dá-se início ao embate entre professor e aluno, com o primeiro citando trechos de obras literárias e o segundo respondendo corretamente.

O que importava para o professor não era a compreensão das obras literárias, mas a capacidade de memorização de trechos e dos respectivos autores, exercício que o aluno realizou com êxito.

Mas como o professor em questão estereotipa o professor autoritário, este se sentindo inferiorizado pelo aluno que a tudo respondia com correção, até mesmo com alguma empáfia, o expulsa da sala.

Ao ser procurado por uma colega, logo após o incidente, Jamal questiona:

- Aqui é assim? Expulsam quem sabe?

Não coincidentemente, trata-se da mesma colega que o ciceroneou pela escola em seu primeiro dia de aula, apresentando-lhe não apenas a estrutura física da nova escola, mas também aspectos psicossociais. Incluindo uma recomendação:

- Não se preocupe em responder perguntas. Os professores daqui não gostam tanto assim de participação dos alunos. Preferem ouvir a si próprios.

Na escola pública ele não podia responder porque mostrar ser um bom aluno representaria a exclusão social de seu grupo de amigos; na escola particular não podia responder para não ferir o ego do professor, o que acabou resultando na exclusão da sala de aula.

A expulsão de Jamal da sala nos parece uma metáfora da exclusão sociocultural que a Educação Bancária promove. Ao escolher o “o que” e “quanto” os alunos devem saber, tal educação desconsidera conhecimentos prévios destes, seus interesses, suas habilidades, promovendo, assim, uma educação engessada, centrada na figura do professor como detentor único do saber e cuja autoridade funcional se opõe à liberdade dos educandos que devem adaptar-se às determinações daquele (FREIRE, 2014, p. 83).

Em nossa interpretação, as duas concepções, bancária e dialógica, ficam evidenciadas respectivamente no ensino formal com o informal a que o protagonista do filme vivencia.

A maneira castradora com que Jamal é tratado na aula, tolhido pelo autoritarismo do professor, se opõe frontalmente com a maneira dialógica com que ele aprende a arte de escrever informalmente.

O antagonismo entre as duas concepções, uma, a “bancária”, que serve à dominação; outra, a problematizadora, que serve à libertação, toma corpo exatamente aí. Enquanto a primeira, necessariamente, mantém a contradição educador-educandos, a segunda realiza a superação.

Para manter a contradição, a concepção “bancária” nega a dialogicidade como essência da educação e se faz antidialógica; para realizar a superação, a educação problematizadora – situação gnosiológica – afirma a dialogicidade e se faz dialógica. (FREIRE, 2014, p. 95).

Historicamente a educação tradicionalista tem pautado os currículos dos sistemas escolares, adotando a concepção bancária como a única possível. Muitas vezes o professor a utiliza não por ideologia, mas por reprodução, repetindo metodologias e métodos que aprendeu e cuja tradição se perpetua, ou por desconhecimento da existência de outra concepção de educação.

Cabe à educação dialógica a função de desvelar a educadores e educandos uma nova concepção de educação, calcada na igualdade, na pluralidade, na superação das contradições e que caminhe em direção à libertação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Consideramos que o filme ora analisado cumpriu perfeitamente o papel de ilustrar e ser o ponto de partida para as questões a que propomos discutir a partir dele e que nos serviram de suporte teórico para o presente artigo.

Em comum, os temas abordados trazem consigo de maneira muito forte a marca da exclusão, que nos parece ser o elemento que permeia os conceitos discutidos no presente artigo.

O fracasso escolar exclui na medida em que se trata de um rótulo impingido pela escola, inserida no contexto da educação liberal, destinada a selecionar os melhores para seguir adiante, restando aos que ficam pelo caminho, o caso da escola seja pela reprovação seja pela evasão, a aceitação da condição de inferioridade, responsabilidade única e inquestionável do próprio aluno.

A questão sociorracial também é excludente, visto que o ensino formal é todo ele construído sobre o capital cultural, que como se sabe não prima pela democratização das manifestações culturais diversas, mas apenas àquela tida como a alta cultura, elitista e, portanto, pouco difundida nos meios populares. Razão pela qual pobres e negros não se sentem representados, mas excluídos uma vez que seus saberes, suas experiências e suas manifestações artísticas, periféricas e populares, são muitas vezes desconsideradas do processo educacional.

E por fim a Educação Bancária que exclui o aluno como sujeito no processo de ensino-aprendizagem, relegando-o a uma posição de passividade face ao conhecimento. Nela, o educador não se adapta às necessidades e aos interesses dos educandos, desse modo, leciona de maneira monocrática e arbitrária os conteúdos de um currículo afastado da realidade do aluno e, ainda, valoriza os aspectos quantitativos em detrimento dos qualitativos e a memorização dos conteúdos em detrimento da sua compreensão.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel G. **Fracasso-Sucesso: O peso da cultura e do ordenamento da educação básica**. Em Aberto, Brasília, ano 11, n.53, jan./mar. 1992.

CALDAS AULETE. Dicionário Digital. Disponível em <http://www.aulete.com.br>.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Paz e Terra. Rio de Janeiro. 1987.

MADALÓZ, Rodrigo J. et al. **O fracasso escolar sob o olhar docente: alguns apontamentos**. IX ANPED Sul. Seminário de pesquisa em educação na região sul. 2012.

ROCHA JR, Orandes Carlos da. **O bônus do professor no Estado de São Paulo**. Curitiba: Appris, 2019.

SANTOS, Hélio J. dos. **Educação e ideologia**. Perspectivas. São Paulo. p. 19 – 28. 1980.